



Religiosidades afro-brasileiras nos quadrinhos: uma análise histórica nas novelas gráficas de Marcelo D'Saete

Afro-Brazilian religiosities in comics: a historical analysis in Marcelo D'Saete's graphic novels

Gabriela Ferreira Lima¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a representação das religiosidades afro-brasileiras nas HQ's "Angola Janga: uma história de Palmares" e "Cumbe", de Marcelo D'Saete, bem como sua contribuição para o combate à intolerância religiosa. Essas religiões muitas vezes são estereotipadas e demonizadas devido à falta de conhecimento e compreensão sobre elas, sendo alvos de atos de discriminação, preconceito e violência. É necessário compreender que essa intolerância tem profundas raízes históricas e culturais. A partir de uma análise imagética/iconográfica e discussão historiográfica, o estudo examina como as obras de D'Saete abordam as religiosidades afro-brasileiras.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; História Afro-Brasileira; Religiosidade; Intolerância religiosa.

Abstract

This article aims to analyze the Afro-Brazilian religiosities representation in the comics "Angola Janga: uma História de Palmares" (Angola Janga: Kingdom of Runaway Slaves) and "Cumbe" (Run for It), by Marcelo D'Saete, as well as their contribution to the fight against religious intolerance. These religions are often stereotyped and demonized due to a lack of knowledge and understanding about them, and are targets of acts of discrimination, prejudice, and violence. It is necessary to understand that this intolerance has a deep historical and cultural root. Based on an imagery/iconographic analysis and historiographical discussion, the study examines how D'Saete's work address Afro-Brazilian religiosities.

Keywords: Comics; Afro-Brazilian history; Religiosity; Religious intolerance.

¹ Graduanda do 4º ano de História do Unisagrado. Artigo realizado sob a orientação dos professores Drs. Lourdes M. G. C. Feitosa e Roger M. M. Gomes, para as disciplinas de Metodologia da Pesquisa em História e História Contemporânea.



Introdução

Em março do ano de 2023 foi notícia na CNN Brasil uma mãe que depredou o livro infantil “Amoras”, de autoria do rapper brasileiro Emicida, com críticas às religiões de matriz africana. A obra é direcionada ao público infantil e explica, de forma simples e didática, as religiões de matriz africana. Tal ato de depredação da obra, em que foram escritas em suas páginas frases preconceituosas e de imposição ao cristianismo, evidenciam um grave problema social no Brasil: a intolerância religiosa, principalmente em relação às religiosidades afro-brasileiras, como as expressadas pela umbanda e pelo candomblé.

Essas religiões muitas vezes são estereotipadas e demonizadas devido à falta de conhecimento e compreensão sobre elas, sendo alvos de atos de discriminação, preconceito e violência. A intolerância, o preconceito e a discriminação são cotidianamente reproduzidos no seio de nossa sociedade a partir de uma hierarquização de culturas e corpos. Tal inferioridade é processada em diferentes chaves, sendo a religiosa, a econômica e a corporal as mais usuais (Silva; Ribeiro, 2007). É necessário compreender que essa intolerância tem profundas raízes históricas e culturais.

Ainda sobre o preconceito e intolerância, mas na dimensão das histórias em quadrinhos, por muitos anos os povos negros, suas crenças e culturas foram colocados dessa forma, para os consumidores dessa arte sequencial. Um exemplo dessas colocações se faz presente na HQ *Brother Voodoo*, criada pela Marvel nos anos de 1970, em que é apresentado um vodu² haitiano caricato, também retratado como um personagem que podia se comunicar com os espíritos mortos, o que acaba reproduzindo estereótipos sobre as culturas e religiosidades africanas. Apesar disso, hoje é possível encontrar no mercado das histórias em quadrinhos obras que estão ligadas a exaltação das culturas e identidade negras, como *Black Panther*.

A partir desse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar como as religiosidades afro-brasileiras são representadas nos quadrinhos “Angola Janga: uma história de Palmares” e “Cumbe”, de Marcelo D’Salet, e como essas obras podem contribuir para o combate à intolerância religiosa. Assim, para atingir tal objetivo, optou-se pela análise

² Vodou ou *vodou* (do crioulo haitiano) é o conjunto de práticas religiosas em que as origens de seu nome refere-se aos costumes dos povos africanos que ocupavam a região da África ocidental, durante o período da colonização europeia, entre os séculos XVI e XIX. (DALMASO, 2014, p. 87)



imagética/iconográfica das HQ's (bem como a utilização de discussões bibliográficas). Ressalto que as obras já haviam sido estudadas anteriormente, a partir da perspectiva do ensino³ de História da África e durante o percurso de análise dos quadrinhos também foi perceptível a questão das manifestações religiosas, o que foi a provocação inicial para a escrita deste artigo.

Na parte inicial do artigo há uma rápida introdução às histórias presente nas HQ's que foram fontes para a elaboração deste artigo, bem como uma linha do tempo das religiosidades afro-brasileiras, juntamente com a discussão sobre a intolerância religiosa. No segundo momento, entrei na análise e discussão das duas *graphic novels*, a partir de suas representações e abordagens em relação às religiosidades afro-brasileiras. Ao final, estarão dispostas as considerações finais quanto ao que foi exposto neste artigo.

Os quadrinhos de Marcelo D'Saete

História em quadrinhos é definida em geral como um tipo de linguagem que, utilizando-se da combinação de textos e desenhos, conta uma história. Nos quadrinhos se observa a utilização tanto de textos quanto de imagens. Cagnin (1997) destaca que a relevância na linguagem das histórias em quadrinhos está nas imagens; como, por exemplo, nas cores, as ambiências criadas pelas sombras, pelos enquadramentos, que nos informam sobre as características das personagens e do desenho e o uso de balões, o espaço onde a fala ou pensamentos dos personagens são inseridos. O uso dos balões delimita a diferença entre quadrinhos e quaisquer outras formas de narrativa.

Conhecidas popularmente por HQ's, as histórias em quadrinhos surgiram como meio de comunicação de massa nos Estados Unidos, no final do século XIX (Vergueiro, 2014). Do ponto de vista cultural, havia um interesse significativo da população pela representação visual durante esse período. Coma (1979, p.9) reflete que “tudo confluía em atração diante do amplo conteúdo gráfico da imprensa; e, quando esta descobriu a cor e advertiu que o melhor emprego

³ MARATA, Arthur; LIMA, Gabriela. “HQ's na História: o ensino de História da África por meio de “Angola Janga” e “Cumbe”.” Monografia de Iniciação Científica. UNISAGRADO. Bauru, 2022.



da mesma se conseguia a partir de desenhos... o primeiro passo para a origem das histórias em quadrinhos estava dado” .

Inicialmente, os quadrinhos foram desenvolvidos como tiras de jornal e, após, surgiram as HQ's voltada para o universo fictício dos super-heróis. Também conhecida como arte sequencial (Eisner, 1989) devido à sua natureza como forma de expressão visual que ultrapassa o material, tem sua principal origem no campo da imaginação; é importante ressaltar que as histórias em quadrinhos têm suas raízes no desenho narrativo. Contar histórias por meio de sequências de imagens possibilitou o desenvolvimento da leitura iconográfica e estabeleceu-se como um meio de comunicação.

No Brasil, as histórias em quadrinhos surgiram por meio de Ângelo Agostini, jornalista italiano que morava no país durante o século XIX. Além de exercer sua profissão na comunicação, também era crítico da monarquia e favorável a abolição da escravatura. No ano de 1869, Agostini publicou, na revista *Vida Fluminense*, *As Aventuras de Nhô Quim* (Calazans, 1997, p.5). No ano de 1905, Ângelo criou a revista "O Tico-Tico", deslocou-se das sátiras políticas e deu início aos quadrinhos voltados para a alfabetização de crianças. A publicação durou mais de 50 anos.

Com Proclamação da República houve o rompimento do vínculo político entre Brasil e Portugal, o que redirecionou a influência cultural do país, principalmente na imprensa. Nos anos de 1910, as sátiras políticas estavam em seu ápice.

No período do Estado Novo, houve perseguição às representações ilustradas de natureza política, o que contribuiu para a popularização das histórias infanto-juvenis. Nos anos de 1950 e 1960, as histórias em quadrinhos nacionais experimentaram um notável avanço graças às obras de Maurício de Sousa e Ziraldo (Smarra *et al*, 2021).

Apesar de enfrentarem a concorrência de novas formas de mídia de entretenimento, como televisão e *videogames*, que impactam sua popularidade e vendas, conforme apontado pelo historiador Kees Ribbens (2017), HQ's sobrevivem e continuam a circular entre as novas gerações. Nesse sentido, é importante observar que avanços ocorreram no campo da arte sequencial, tanto em sua forma quanto em seus discursos.



A presença da História tem sido uma constante nas histórias em quadrinhos evidenciada por diversos exemplos de quadrinhos direcionados tanto para o público adulto quanto para o infanto-juvenil. Obras como "Maus: a história de um sobrevivente" (1980), de Art Spiegelman, "Persépolis" (2007), de Marjane Satrapi, e "Palestina" (1993) e "Notas sobre Gaza" (2010), de Joe Sacco ilustram essa tendência. Essas criações abordam uma variedade de temas históricos, incluindo nazismo, Revolução Iraniana, os conflitos e a vida cotidiana na Palestina, popularizando uma história de maneira crítica, lúdica e, em geral, para um público bastante diversificado.

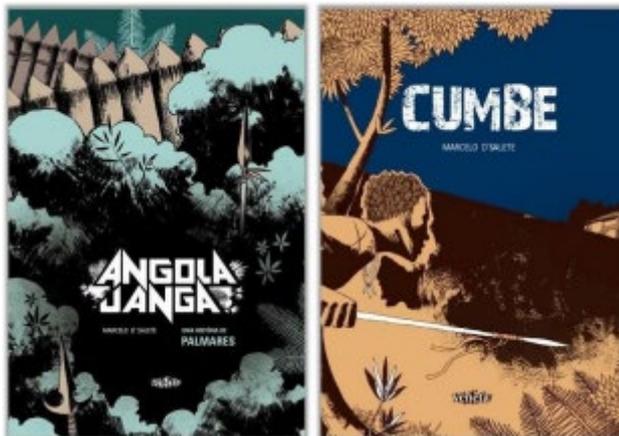
Tal recorrência pode também ser observada nas obras de Marcelo D'Saete⁴ que, entre os anos de 2014 e 2017, publicou, respectivamente, as premiadas obras "Cumbe"⁵ e "Angola Janga: uma história de Palmares"⁶ (Figura 1). Essas obras, voltadas ao público jovem adulto, representam uma mudança significativa na abordagem, contribuindo para uma nova perspectiva sobre questões complexas, propondo transformações e aprendizado acerca da questão afro-brasileira tanto no passado quanto no contemporâneo. Ambas as obras estão presentes nas bibliotecas e salas de leitura das escolas públicas do estado de São Paulo desde 2019, "visto que foram aprovadas no edital do Plano Nacional do Livro Didático Literário (PNLD Literário) no ano de 2018" (Marata; Lima, 2022, p.32).

Figura 1 - Composição com as capas das HQ's Angola Janga e Cumbe.

⁴ Cf. o currículo lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0674340247380756>

⁵ A obra ganhou os seguintes prêmios: Eisner Awards 2018 (Run for it, Fantagraphics, 2017); Prêmio HQMIX 2019 - Destaque internacional.

⁶ A obra recebeu os seguintes prêmios: Prêmio Jabuti 2018 - categoria quadrinhos; Prêmio Grampo Ouro 2018; Prêmio HQMIX 2018 - desenhista, roteirista, destaque internacional e edição especial nacional; Rudolph Dirks Award 2019 - Roteiro América do Sul.



Fonte: Site Editora Veneta. Disponível em <https://veneta.com.br/>. Acesso em 16 nov. 22.

Marcelo D'Saete é professor, quadrinista, ilustrador e pesquisador das artes afro-brasileiras. Desde 2006 é licenciado em Artes Plásticas pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e formou-se mestre em 2009 através do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. O quadrinista afirmou, em entrevista ao Itaú Cultural⁷, que o interesse em criar suas histórias surgiu a partir de um contexto de crítica ao se deparar com a questão da representatividade dos personagens presentes nos quadrinhos que consumia, alheios à realidade por ele vivida.

“Cumbe” ilustra, ao longo de 192 páginas em sua 2ª edição de 2018, quatro narrativas que retratam os dramas vividos por negros escravizados durante o período do Brasil Colônia. Ecoa as formas de violência, resistência e o almejo por liberdade, contendo ilustrações delicadas e simbólicas que nos mostram, em detalhes, alguns possíveis cenários da época. O aspecto central da obra é evidenciar os diferentes momentos de luta e revolta contra os senhores de engenho e a escravidão. As ilustrações expõem os diferentes aspectos culturais desses povos escravizados e o preconceito.

Nas histórias contidas na HQ é possível perceber a não passividade dos escravos em relação às violências que sofriam, que mesmo diante de tanta opressão, violência e preconceito, escolheram não desistir, lutando pela liberdade e mantendo suas crenças, perpassando assim

⁷ Itaú Cultural. Marcelo D'Saete – Caminhos da HQ (2016). Youtube. 30 jan 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nID3297A-30>



um grande sentimento de esperança, uma vez que sem a esperança não poderia haver insurgência.

“Angola Janga: uma história de Palmares” é uma *graphic novel*⁸ de 423 páginas, em sua primeira edição, que conta a história de Palmares, o maior quilombo do período colonial brasileiro. A HQ apresenta uma narrativa histórica que aborda as lutas e conquistas dos negros e negras que viveram em Palmares, bem como suas formas de resistência à escravidão e à dominação colonial. De acordo com Schwartz (2001), um dos meios mais efetivos de resistência ao sistema de escravidão durante o período do Brasil colônia eram as fugas, que resultaram no aparecimento generalizado muitas comunidades de fugitivos. No decorrer dos capítulos são ilustradas as fugas dos escravos com destino ao mocambo⁹, além da violência e de como se dava a organização de revoltas.

A obra foi resultado de um projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura e ProAc (Programa de Ação Cultural de São Paulo)¹⁰ 2016. A obra foi contemplada pelo Edital Proac n° 35/2016 – “CONCURSO DE APOIO A PROJETOS DE CRIAÇÃO E PUBLICAÇÃO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ESTADO DE SÃO PAULO”, recebendo 40.000 reais de incentivo.

Em ambas HQ’s, Marcelo D’Salete faz um uso muito interessante do silêncio: vários quadrinhos não contam com a presença de falas, o que perpassa a ideia de tensão ligada à falta de liberdade dos escravos, à tensão das fugas e à violência da situação por meio silenciamento em si. Ademais, D’Salete apresenta uma abordagem crítica e comprometida com a história e as culturas afro-brasileiras. Seus traços são marcados pela beleza e expressividade, apresentando ao leitor o ponto de vista de personagens complexos e envolventes que lutam por sua dignidade e liberdade.

⁸ Termo anglo-saxão para designar uma história produzida em formato de arte sequencial. Baetens e Frey (2015), ao designar o conceito de Graphic Novel, assumem que por vezes existem comparações comuns ao comparar Graphic Novel com a noção de Comics (gibis). Entretanto, essas diferenças podem ser percebidas em quatro pontos específicos: o formato, o conteúdo, o formato de publicação e os aspectos de produção e distribuição.

⁹ Segundo Nei Lopes (1988), a palavra “mocambo” tem sua origem a partir do quicongo *mukambu*, significando “cumeeira, telheiro em alusão à principal característica do tipo e habitação: o telhado de palha”. Assim eram nomeados os locais onde encontravam-se os negros fugitivos.

¹⁰ O programa foi instituído pela Lei Estadual n° 12.268/2006. Sua criação teve como objetivo principal regulamentar a oferta de patrocínios culturais no estado de São Paulo.



O quadrinista atinge uma rica profundidade histórica e conceitual, tendo por base um extenso levantamento bibliográfico sobre o período da escravidão no Brasil. Ao final de cada HQ, pode-se encontrar as referências utilizadas para sua produção, bem como um glossário de conceitos e palavras que foram utilizados ao longo dos quadrinhos. É possível encontrar obras como as de Lilia Schwarcz, Flávio Gomes, Clóvis Moura e Nina Rodrigues.

Dessa forma, a análise destas obras é importante para a reflexão sobre a intolerância religiosa e a resistência histórica dos povos negros escravizados, pois levantam a resistência desses povos à opressão, perseguição e à imposição de uma religião de padrões eurocêtricos, além de demonstrar a importância da liberdade e pluralidade religiosa. Aspectos apresentados de maneira crítica e sensível.

Considerando isso, abaixo para dar sequência realizarei uma breve discussão acerca da intolerância religiosa no Brasil.

O catolicismo europeu e a intolerância religiosa

O catolicismo europeu ao longo da história teve um profundo papel na disseminação da intolerância e do preconceito religioso. Muitos autores abordam essa questão, fornecendo importantes reflexões sobre o tema. O historiador francês Jacques Le Goff, em sua obra *O Deus da Idade Média* (2003), analisa a relação da Igreja Católica e a intolerância religiosa durante o período da Idade Média. Explica que a Igreja teve um encargo fundamental no que diz respeito a promoção do preconceito contra aqueles que não se encaixavam nos padrões impostos pelo catolicismo. A inquisição, por exemplo, foi instituída pela Igreja Católica com o objetivo de perseguir e punir aqueles que eram considerados, por ela, hereges. Tal perseguição levou a marginalização daqueles que professavam uma fé diferente da católica.

Acerca do período colonial no Brasil, o sociólogo francês Roger Bastide, em seu livro *As Religiões Africanas no Brasil* (1985), explora as relações entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras, apontando como a Igreja Católica, durante a colonização e a escravidão, tratou essas religiões como “superstição” e “bruxaria”, demonizando suas práticas. Reginaldo Prandi (2001), em *Mitologia dos Orixás*, aponta que as religiões afro-brasileiras passam a se



desenvolver através das experiências dos povos africanos em sua diáspora, principalmente durante o contexto histórico do tráfico de escravos.

No século XVI, a ocupação portuguesa no Brasil retirou do continente africano inúmeros negros e negras para serem peças do regime de escravidão que movia o país durante aquele período. Essas pessoas eram trazidas forçadamente e de modo conturbado em navios negreiros vindos de vários reinos africanos, se deparando com a incerteza da vida e a possibilidade da morte, tanto pela violência por parte dos homens brancos quanto pela proliferação de doenças, fome e as más condições dentro dos tumbeiros. No *Dicionário de escravidão e liberdade*, organizado por Lilia Moritz Schwarcz e Flávio Gomes, Jaime Rodrigues (2018, p.356-357) aponta que:

Humanos como eram, os africanos traficados desejavam viver. E morrer no navio negreiro não era uma morte qualquer. No século XVII, o franciscano João Antônio Cavazzi informou que, ao deixar a África, muitos africanos julgavam que seriam devorados pelos brancos. [...] Para africanos, crenes que seriam mortos após a travessia, embarcar num navio negreiro era motivo de pânico, e resistir era a condição para se manterem vivos. Sobreviver podia ser motivo de festa na chegada ao outro lado do oceano.

Sobre a presença de africanos no Brasil através do tráfico, Laurentino Gomes (2019) afirma, em seu livro *Escravidão Volume I*, que os portugueses e brasileiros tomam o primeiro lugar no pódio dos campeões do tráfico negreiro, “sendo responsáveis pelo transporte de 5,8 milhões de escravos, metade do total de 12,5 milhões de embarcados da África.” (p.272) Dentre estes havia uma diversidade de grupos étnicos e de tradições culturais – que possivelmente poderiam ser rivais – como os fons, os iorubás e os bantos.

A escravidão no Brasil cresceu velozmente entre os séculos XVI e XVII, contudo havia muita resistência por parte dos escravizados. A religião foi um ponto chave para que os africanos encontrassem força para resistir a toda crueldade a que eram submetidos, além de também permitir que fossem mantidas vivas as tradições de origem africana. De acordo com Tina Gudrun Jensen (2001, p.2):

Os escravos africanos eram proibidos de praticar suas várias religiões nativas. A Igreja Católica Romana deu ordens para que os escravos fossem batizados e eles deveriam participar da missa e dos sacramentos. Apesar das instituições escravagistas e da Igreja Católica Romana, entretanto, foi possível aos



escravos comunicar, transmitir e desenvolver sua cultura e tradições religiosas. Houve vários fatos que os ajudaram a manter esta continuidade: os vários grupos étnicos continuaram com sua língua materna; havia um certo número de líderes religiosos entre eles; e os laços com a África eram mantidos pela chegada constante de novos escravos.

Muitos de grupos étnicos traziam consigo o Candomblé, religião que até então era desconhecida e cercada de estranhezas para um local em que a predominância religiosa era cristã católica. O catolicismo era imposto oficialmente pela coroa portuguesa. De acordo com Vagner Silva (2005, p.20)

professar outra fé que não fosse a cristã era correr o risco de ser considerado herege e, também, inimigo do rei cujo poder provinha de Deus. Para garantir a conversão e fiscalizar a vida religiosa dos seus fiéis, a Igreja dispunha de várias formas de controle e repressão aos desviantes da fé cristã

Mesmo com toda a opressão, os negros ainda conseguiram reimplantar elementos básicos de sua organização. O desenvolvimento do Candomblé se deu a partir dessa

necessidade por parte dos grupos negros de reelaborarem sua identidade social e religiosa sob as condições adversas da escravidão e posteriormente do desamparo social, tendo como referência as matrizes religiosas de origem africana (Silva, 2005, p.15)

De acordo com as lendas contadas pelos mais velhos, o Candomblé teve início em Salvador (Bahia). Algumas princesas vindas do Oyó e Ketu na condição de escravas fundaram um terreiro num engenho de canas. Posteriormente, passaram a reunir-se num local denominado Barroquinha, onde fundaram uma comunidade de jejé-Nagô, alegando a construção e manutenção da primitiva capela de confrarias de Nossa Senhora da Barroquinha, atual Igreja de Nossa Senhora da Barroquinha que, segundo historiadores, efetivamente, conta com cerca de três séculos de existência (Silveira, 2007).

O Candomblé tem por base o culto aos orixás, seres que vêm da natureza, como a Terra, o Fogo, a Água e o Ar, consideradas forças que emanam energia, não apresentando corpo material. Muitas pessoas são atraídas para o universo candomblecista por tê-lo como fonte de poder mágico que segundo Bastide (1985, p.57):

Quando o candomblé se organizou no Nordeste, no século 19, ele permitia ao iniciado a reconstrução simbólica, através do terreiro, da sua comunidade tribal



africana perdida. Primeiro ele é o elo com o mundo original. Ele representava, assim, o mecanismo através do qual o negro africano e brasileiro podia distanciar-se culturalmente do mundo dominado pelo opressor branco.

Além do Candomblé, a Umbanda também se constitui como uma religião afro-brasileira. De acordo com Silva (2005, p.106)

A umbanda, como culto organizado segundo os padrões atualmente predominantes, teve sua origem por volta das décadas de 1920 e 1930, quando kardecistas de classe média, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, passaram a mesclar com suas práticas elementos das tradições religiosas afro-brasileiras, e a professar e defender publicamente essa "mistura", com o objetivo de torná-la legitimamente aceita, com o status de uma nova religião.

As origens afro-brasileiras da Umbanda referem-se ao culto às entidades africanas, caboclos, aos santos católicos e “outras entidades que a esse panteão foram sendo acrescentadas pela influência do kardecismo” (Silva, 2005, p.107)

Por conta da incompreensão de suas origens e crenças, o Candomblé e a Umbanda foram estigmatizados a elementos de feitiçaria. Assim, desde seus períodos de origem, suas celebrações foram por vezes recriminadas, incluindo o uso de violência física contra seus membros e danos aos terreiros onde acontecem suas práticas religiosas, sendo constante alvo da intolerância religiosa.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), tolerância consiste em respeito, aceitação e apreço da riqueza e diversidade cultural. O relatório da Secretaria de Direitos Humanos ao definir intolerância religiosa diz:

Será considerado como intolerância e violência religiosa o conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a diferentes crenças e religiões, podendo em casos extremos tornar-se uma perseguição. Entende-se intolerância religiosa como crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana, a violência e a perseguição por motivo religioso são práticas de extrema gravidade e costumam ser caracterizadas pela ofensa, discriminação e até mesmo por atos que atentam à vida (SDH-PR, 2016).

A intolerância religiosa pode ser entendida como uma prática definida pelo não reconhecimento da veracidade de outras religiões. Está relacionada com a incapacidade dos indivíduos em compreender crenças diferentes da sua e nos casos concretos de manifestações de intolerância no campo prático, segundo Silva Jr:



(...) a intolerância religiosa é uma expressão atitudes fundadas nos preconceitos caracterizadas pela diferença de credos religiosos praticados por terceiros, podendo resultar em atos de discriminação violentos dirigidos a indivíduos específicos ou em atos de perseguição religiosa, cujo alvo é a coletividade (2009, p.128)

As manifestações de intolerância estão intrinsecamente ligadas à teoria da verdade e ao poder político, evidenciando a dinâmica entre aquele que detém o poder e o subjugado. Nesse contexto, a promoção da "tolerância" geralmente é direcionada ao sujeito com menor poder, enquanto o sujeito dominante e hegemônico muitas vezes não necessita da indulgência ou condescendência daqueles que estão hierarquicamente subordinados a ele (Dussel, 2004, p.1).

Considerando o exposto, darei início à análise das histórias em quadrinhos de Marcelo D'Saete sob uma perspectiva que busca enfrentar a intolerância religiosa.

“Cumbe”, “Angola Janga” e a representação da religiosidade afro-brasileira

Em suas reflexões, Stuart Hall (1997), desde o entendimento de que os discursos se caracterizam como redes de significações, considera que eles são apropriados pelos sujeitos para se auto interpretar e acabam por produzi-los. Segundo o autor, é através do que pensamos, dizemos e sentimos – como representamos – que passamos a dar significado (Hall, 2002). A análise de Hall sobre o conceito de representação tem por base a investigação sobre como é construído o significado. De acordo com o teórico cultural, os significados culturais regulam as práticas sociais. Nas obras “Cumbe” e “Angola Janga: uma história de Palmares”, as representações das religiosidades africanas emergem como elementos cruciais na construção de significados culturais.

“Cumbe” apresenta as religiões afro-brasileiras como parte integrante da vida dos personagens. A espiritualidade é mostrada como uma fonte de consolo, esperança e resistência para os personagens que enfrentam a brutalidade da escravidão. A obra apresenta diferentes elementos que compõem as religiosidades afro-brasileiras. O atabaque está presente em quase todos os eventos religiosos e sociais dessas expressões religiosas (Brandão, 2015, p.115). Tanto nos terreiros de candomblé quanto em grande parte das casas de umbanda a música é de extrema importância para a realização dos rituais.



Figura 2 – Atabaque.



162

Fonte: Cumbe. Marcelo D'Saete, 2018, p.162.

N'Goma ou *Engoma*, em sua origem terminológica do quimbundo, significa tambor. De acordo com Marcelo Purificação (2022) “os atabaques sacralizados nos terreiros de Umbanda têm a importante missão de colaborar para a manutenção das vibrações do médium que traz o Orixá à terra. A música, no culto de Umbanda, aproxima o indivíduo dos orixás.” No Candomblé os atabaques também são objetos sagrados, e renovam anualmente o axé. Segundo Nascimento (2017, p.45)

São usados unicamente nas dependências dos terreiros ou centros de umbanda e não saem para a rua como os que são usados em blocos de afoxés (grupo de instrumentistas), pois estes são preparados exclusivamente para estes fins.

Outro elemento muito importante presente nessas religiões é a dança. A dança, o canto e os atabaques (Nascimento, 2017, p.45)

são importantíssimos nos cultos, pois têm a função de invocar as entidades e trazê-las por meio do transe mediúnico. Eles ainda podem ser considerados os mensageiros do culto e servem de ponte para a transição do médium e a incorporação das entidades.



Figura 3 – Representação da dança.



163

Fonte: Cumbe. Marcelo D'Saete, 2018, p. 162.

As representações das religiosidades afro-brasileiras, em *Angola Janga*, se dá a partir do destaque da influência das tradições religiosas africanas, como o candomblé e a umbanda, no quilombo. Elas são representadas como uma parte integrante da cultura do Quilombo dos Palmares, com cerimônias e rituais que fortaleciam a identidade daqueles que ali viveram. Além disso, os orixás e as divindades africanas desempenham papéis importantes na narrativa, refletindo a espiritualidade dos personagens.

O jogo de búzios, nas práticas afro-brasileiras

nada mais é do que um sistema divinatório de Ifá, correspondente à interpretação básica dos dezesseis principais odùs, onde estes se apresentam, juntamente com divindades, para solucionar, aconselhar, questionar, ajudar etc. uma determinada pessoa (PIRES; ESCADA, 2001, p.76).



Figura 4 - Composição com quadros que representam o jogo de búzios.



Fonte: Angola Janga. Marcelo D'Saete, 2017, p. 93 e 152.

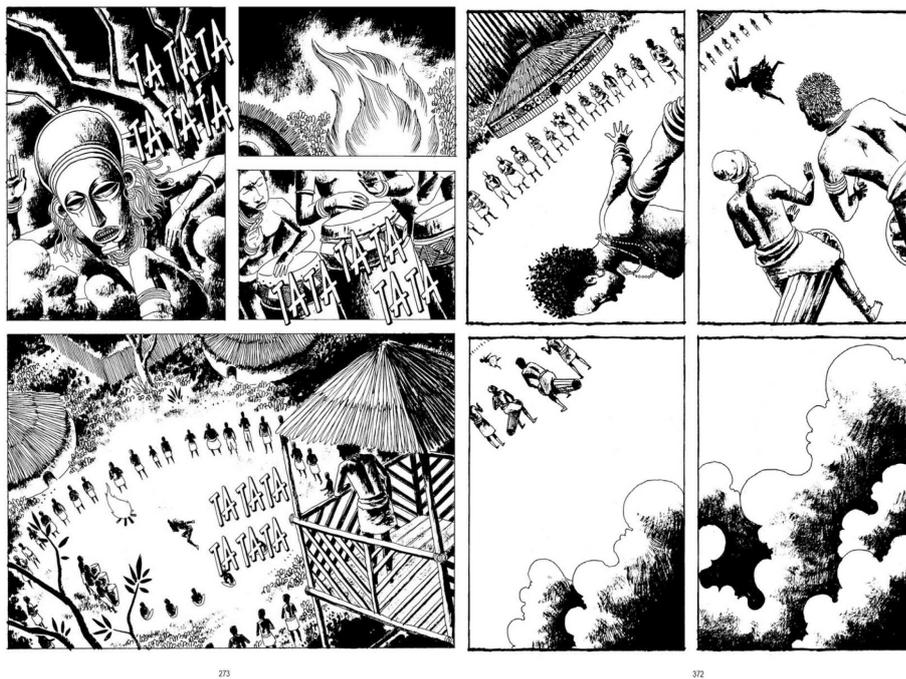
Diversas técnicas divinatórias são praticadas dentro das religiões afro-brasileiras e, talvez, mais conhecida seja o jogo de búzios, amplamente utilizado, tanto para satisfazer às necessidades dos praticantes como dos participantes do culto. Júlio Braga (1988), antropólogo e babalorixá do Candomblé, dedicado ao estudo das tradições afro-brasileiras, com vivências pessoais sobre o jogo de búzios, expõe que as técnicas divinatórias utilizadas na África foram praticamente esquecidas no Brasil, em decorrência da impossibilidade de reproduzir o processo inicial necessário dentro da sociedade escravista. Segundo Beniste (2004):

O jogo de búzios e outras formas de predição devem ser vistos como mecanismo essencial para as relações entre o orum (céu) e o àiyé (terra). Os odùs posicionados representam a Ciência, a Filosofia e a Religião de um povo. Explicam o ser humano, a razão e origem de todas as coisas, a Vida e a Morte, determinam a Ética e a Moral a serem seguidas; explicam os Òrisàs e seus fundamentos, as folhas e tabus, as cores e razões dos ritos religiosos (Beniste, 2004, p.144).

Pelos traços de “Angola Janga”, em determinado momento da trama, nos deparamos com a representação do momento de expressão dessas religiosidades: a gira. Gira é uma expressão dos praticantes da Umbanda, cuja associação festivo-litúrgica, está referida ao movimento circular executado durante as cantigas aos orixás. Na figura podemos observar a presença de um ser mascarado, o que poderia vir a representar algum orixá, bem como pessoas em uma roda tocando atabaques e dançando.



Figura 5 – Representação de prática religiosa (gira).



Fonte: Angola Janga. Marcelo D'Saete, 2017, p. 273 e 372.

Segundo Machado e Amaral (2021, p. 07):

ao analisarmos a ritualística de abertura de uma Gira de Umbanda veremos que ela é composta por danças para as entidades que fazem parte da casa, dado que é a partir do som dos atabaques/tambor, do canto e dos movimentos da dança que as entidades vão chegar em terra, uma vez que a música e a dança são fundamentais no processo de incorporação, pois facilitam a entrega do médium a ritualística.

Marcelo D'Saete aborda aspectos das religiosidades afro-brasileiras com respeito e reverência, evitando estereótipos e estigmatizações. Ele se concentra em mostrar como essas crenças eram uma fonte de força e resistência para os africanos escravizados, ao mesmo tempo em que oferece uma visão crítica das injustiças e opressões que enfrentavam. Tais obras fictícias mostram-se de grande importância a partir do momento em que tornam públicas essas histórias, resgatando a memória de povos que foram escravizados por mais de 200 anos. Dessa forma, o autor demonstra o papel significativo da ficção, enfatizando que “é a partir dela que podemos transpor muros e acessar, pela poesia e arte, aqueles homens e mulheres” (D'Saete, 2017, p.419).



Considerações Finais

As religiosidades afro-brasileiras têm um longo histórico de luta contra a intolerância religiosa, que se estende desde a época da escravidão até o tempo presente. Apesar dos desafios, essas religiosidades têm conseguido sobreviver e se adaptar no contexto brasileiro, conquistando cada vez mais espaço e reconhecimento na sociedade brasileira. A análise das obras "Cumbe" e "Angola Janga: uma história de Palmares", de Marcelo D'Saete, revela o poder dessas histórias em quadrinhos como instrumentos práticos no combate à intolerância religiosa no Brasil. Ao se debruçar sobre narrativas que exploram as vivências históricas dos negros e afrodescendentes, no contexto colonial brasileiro, as HQs desenvolvem uma reflexão profunda sobre a diversidade cultural e religiosa do país.

Através de suas páginas, é possível encontrar a riqueza das tradições religiosas africanas e afro-brasileiras, destacando a resistência cultural que permeou a história da diáspora negra no Brasil. Ao apresentar personagens que vivenciam e praticam suas crenças de maneira autêntica, as HQ's se tornam um meio contemporâneo para a desconstrução de estereótipos e preconceitos relacionados às religiões de matriz africana.

Dessa forma, entende-se que as obras de Marcelo D'Saete desempenham um papel significativo no diálogo social sobre a diversidade religiosa no Brasil, estimulando a acessibilidade, o respeito e a valorização das tradições afro-brasileiras. Ao contextualizar as práticas religiosas no âmbito histórico e cultural, os quadrinhos não apenas educam, mas também inspiram o vislumbre de uma sociedade inclusiva e plural, onde a tolerância religiosa se torne uma realidade palpável e respeitada por todos.

FONTES

D'SALETE, M. **Angola Janga: uma história de Palmares**. São Paulo: Veneta, 2017.

D'SALETE, M. **Cumbe**. São Paulo: Veneta, 2014.

REFERÊNCIAS



BASTIDE, R. **As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição para uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações**. Vols. I & II, São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.

BAETENS, J.; FREY, H. **The Graphic Novel: An introduction**. New York: Cambridge University Press, 2015. Disponível em: https://assets.cambridge.org/97811070/25233/frontmatter/9781107025233_frontmatter.pdf. Acessado em: 30 out. 2023.

BENISTE, J. **Òrun - Àiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagôyorubá entre o céu e a Terra**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRAGA, Júlio. **O jogo de búzios: um estudo da adivinhação no candomblé**. 1ª ed. São Paulo: brasiliense. 1988.

BRANDÃO, G. E. S. **Equede: a mãe de todos**: Terreiro Casa Branca. Organização Alexandre Lyrio e Dadá Jaques. Salvador: Barabô, 2015.

CAGNIN, A. L. Abertura, in CALAZANS, F. M. A. (Ed.), **As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática**, São Paulo: UNESP, 1997.

CALAZANS, F. M. de A. (Ed.). **As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática**. São Paulo: UNESP, 1997.

CARLUCCI, M.; CASSIANO, L. Com críticas a religiões de matriz africana, mãe vandaliza livro infantil de Emicida. **CNN Brasil**, 08 mar. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mae-vandaliza-livro-infantil-de-emicida-com-criticas-a-religioes-de-matriz-africana/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

COMA, J. **Historia de los comics**. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

DALMASO, F. F. Vodou. **Teoria e Cultura: Dossiê Caribe**, 2014, v. 9, ed. 2, p. 87-89, 3 d. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12213/6442>. Acessado em: 18 abr. 2023.

DUSSEL, E. **Deconstrucción del concepto de tolerancia: de la intolerancia a la solidaridad**. Comunicación presentada al XV Congreso Interamericano de Filosofía y II Congreso Iberoamericano de Filosofía. Lima, 2004. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Articulos/351.2004_espa.pdf. Acesso em: 16 nov. 2023.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GOMES, I. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em portugal à morte de zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. V 1

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 22 e n. 2, p. 15-46, jul/dez. 1997.



HALL, S. **El trabajo de la representación**. IEP – Instituto de Estudios Peruanos: Lima, Maio, 2002.

JENSEN, T. G. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafricanização para a reafricanização. **Revista de Estudos da Religião - REVER**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2001. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/p_jensen.pdf. Acesso em: 13 set. 2023.

LOPES, N. **Bantos, malês e identidade negra**. São Paulo: Forense Universitária, 1988.

MACHADO, C. C.; AMARAL, F. B. **Da música ao rito: a fundamentação dos ritos umbandistas**. 2021. Tese de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências da Religião) - Centro Universitário Internacional UNINTER, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/695/CARLA%20CRISTINA%20MACHADO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MARATA, A. de M.; LIMA, G. F. **HQ's na História: o ensino de História da África por meio de "Angola Janga" e "Cumbe"**. Monografia de Iniciação Científica. UNISAGRADO. Bauru, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unisagrado.edu.br/jspui/bitstream/handle/1298/1/HQ%E2%80%99S%20NA%20HIST%C3%93RIA.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MARCELO D'SALETE. dsalete, 2022. **Biografia**. Disponível em: <https://www.dsalete.art.br/bio.html>. Acesso em: 05 de mar. de 2023.

NASCIMENTO, T. F. dos. Códigos culturais nas religiões afro-brasileiras e de origem africana: percepções geográficas. **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 8, n. 15, p. 41 - 50, aug. 2017. ISSN 2178-0463. Disponível: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/568>. Acesso: 18 nov. 2023.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 591 p.

PURIFICAÇÃO, M. M. A Ancestralidade Africana ao som dos atabaques: As Manifestações Religiosas nos Corpos Umbandistas. **Id on Line Rev. Psic.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, p. 100-106, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3377/5314>. Acesso em: 17 nov. 2023.

RIBBENS, K. **Popular Understandings of the Past: Interpreting History through Graphic Novels**. The Oxford Handbook of Public History, 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=tV41DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA105&dq=RIBBENS,+K.+Popular+Understandings+of+the+Past:+Interpreting+History+through+Graphic+Novels.+The+Oxford+Handbook+of+Public+History,+2017.&ots=cnR5tmO_NR&sig=zQpfMvtTigrOCdcm9eer12H2Stg#v=onepage&q&f=false. Acessado em: 13 nov. 2023.



RODRIGUES, N. dos S. O Candomblé e a cultura afrobrasileira. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, Paraná, n. 2, v. 1, p. 103-110, mai/ago 2010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/2629/1971>. Acesso em: 2 nov. 2023.

SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. **Dicionário de escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARTZ, S. B. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2001.

SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS (SDH). **Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011 - 2015): resultados preliminares**. Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos; organização Alexandre Brasil Fonseca, Clara Jane Adad. – Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016.

SILVA, C. A.; RIBEIRO, M. B. **Intolerância religiosa e direitos humanos**. Porto Alegre, Editora Sulina, Editora Universitária Metodista, 2007.

SILVA, M. de L. R. da. Educação religiosa e tolerância: um desafio educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, 2013, v. 13, n. 52, 63-72, 23 dez. 2023.

SILVA, V. G. da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005. 78 p.

SILVEIRA, R. da. **Candomblé da Barroquinha**. São Paulo: Maianga, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/21206/13791>. Acessado em: 15 nov. 2023.

SMARRA, A. L. S.; LOTUFO, C. A.; SILVA, L. F. da; GOMES, N. dos S. As aventuras de Nhô Quim: o Marco Histórico dos Quadrinhos no Mundo. **9ª Arte (São Paulo)**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 15-41, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/153373>. Acesso em: 06 set. 2023.

VERGUEIRO, W. Uso das HQS no ensino. In: RAMA, Â.; VERGUEIRO, W. (Org.) **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2014. p.7-30.